

Cultura e Exclusão: a Urgência de um Olhar Sensível para a Educação

Gabriel Von Ende Padilha¹
Lucas Rafael Lacerda de Paula²
Halferd Carlos Ribeiro Júnior (Orientador)³

INTRODUÇÃO

Tem coisa que aprendemos desde cedo! Como sentar direito, levantar a mão pra falar, fazer prova em silêncio e, claro, não sair da linha. A escola ensina tudo isso, com ou sem aula. E ensina também, sem dizer, que quem demonstra um comportamento padrão e resultado aceitável, é o aluno certo, já os outros, ... bom, os outros viram exceções.

Esse texto, nasceu da inquietação de observar como a escola trata o diferente.⁴ Não o diferente no discurso bonito dos projetos, mas o que realmente desafia a regra: o aluno que não acompanha as aulas, que demonstra violência, que pensa com outras palavras e age de outras maneiras, que erra de um jeito que ninguém está disposto a entender. Para compreender esse funcionamento que transforma a diferença em problema, é importante recorrer ao conceito de cultura escolar, tal como formulado por Dominique Julia (2001). O autor entende a cultura escolar como o conjunto de normas, práticas, saberes e rotinas que são historicamente construídos e compartilhados no espaço escolar — e que, mais do que ensinar conteúdos, ensinam comportamentos, valores e formas de pertencimento. É nessa lógica que a escola, muitas vezes sem perceber, produz exclusões: não por meio de uma recusa explícita, mas por meio de mecanismos sutis que reforçam o que é considerado normal, adequado, aceitável. O objetivo deste resumo, é analisar o filme “Capitão Fantástico” a fim de entender o outro, ou melhor os outros. A ideia neste texto não é oferecer soluções, mas acender a pergunta: a quem a escola realmente ensina?

1 METODOLOGIA

O filme *Capitão Fantástico* lançado em 2016, dirigido por Matt Ross ajuda a puxar o fio da conversa, o filme, mostra um pai tentando educar os filhos longe do sistema — mas tropeçando nas próprias convicções. O filme somado com a obra “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (1996), e o capítulo “Abordagem qualitativa de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso”, da obra “Pesquisa em Educação - Abordagem Qualitativa” de André e Ludke (1986), nos possibilita trabalhar o conceito de educação, “docência”, e/ou “discente”. Somando a isso, o texto de Meirelles (2004) contribui para pensarmos o cinema como um recurso didático para o ensino, ampliando o olhar para as potencialidades do audiovisual como ferramenta crítica na formação escolar.

¹ Acadêmico do Curso de História– 7º Fase.Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, gabrielvonendepadilha@gmail.com

² Acadêmico do Curso de História– 7º Fase.Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, lucaspinguim029@gmail.com

³ Doutor pela Universidade Estadual de Campinas. Orientador. Professor do Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

⁴ Agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que possibilitou a produção do presente trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A escola continua reproduzindo uma estrutura tradicionalmente violenta, ainda que de forma não explícita. Essa violência se manifesta sutilmente: na seleção por exames, no afastamento de estudantes que não se encaixam no padrão e na marginalização de certos grupos sociais. Ou seja, a violência não está apenas nos gestos brutos, mas nas práticas cotidianas que excluem sem aparente intenção. O modelo conservador por ser tradicionalmente violento, normaliza ou ignora comportamentos provindos da violência, e ao não optar pela análise qualitativa, tem a perda não só dos resultados esperados mas também na formação do aluno como ser humano, partindo de que a escola é um espaço de formação social, tendo por consequência, o distanciamento da realidade em sala e deficiência de auto afirmação do estudante, (Pereira e Seffner, 2018)

No mesmo formato de Paulo Freire, sobre o ensino embasado na realidade do local, buscando a aproximação entre “os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social” (Freire, p. 32), a pesquisa qualitativa tem como fonte o “ambiente natural” (Lüdke & André, 1986). Logo uma educação conservadora que desconsidera uma pedagogia, e uma forma de análise que trabalha com a realidade que a escola e principalmente que o aluno se situa, acaba por não desenvolver o olhar pelo outro.

A inserção de filmes no ensino de História não deve ser pensada apenas como estratégia de “ilustrar” conteúdos já dados, mas como uma forma de provocar reflexão, estranhamento e diálogo com diferentes visões de mundo. Como destaca Meirelles (2004), os filmes são mais do que representações do passado — são também construções culturais que expressam os valores, os conflitos e as memórias de seu tempo de produção. Ao levar o cinema para a sala de aula, o professor não apenas amplia o repertório dos estudantes, mas também convida à leitura crítica das imagens e dos discursos que circulam fora dos livros didáticos. Isso exige uma mediação consciente, que reconheça o cinema como fonte e narrativa histórica, capaz de revelar tanto o que se mostra quanto o que se silencia. Quando bem articulado ao currículo, o filme deixa de ser um “recreio audiovisual” e passa a funcionar como um dispositivo potente de aprendizagem, ajudando os alunos a perceberem que a História é, também, uma disputa de sentidos.

A análise qualitativa, segundo Lüdke e André (1986), busca compreender os significados que os sujeitos atribuem às suas ações e às relações no ambiente educacional. Diferente dos métodos quantitativos, que procuram medir e generalizar, a abordagem qualitativa valoriza o contexto, a experiência vivida e o ponto de vista dos participantes. Dentro dessa perspectiva, o olhar do pesquisador deve ser também sensitivo, ou seja, atento aos gestos, silêncios, expressões e nuances do cotidiano escolar que, embora nem sempre registrados em números ou gráficos, revelam aspectos profundos das práticas pedagógicas. De maneira oposta ao método quantitativo, o formador que passa a reproduzir a análise qualitativa, e aperfeiçoar sua abordagem etnográfica para captar resultados educacionais, estará em constante formação, a ponto de desenvolver e evoluir seu olhar qualitativo a torná-lo um olhar sensitivo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O filme *Capitão Fantástico* é tomado aqui como objeto de análise. Ele mostra, com toda a beleza e dureza, como até quem quer fugir do sistema pode acabar criando um novo sistema — só com outras regras. A gente acha que está ensinando liberdade, mas está só trocando o uniforme.

Com base em Lüdke e André (1986), que defendem a importância da escuta sensível e da atenção ao contexto na compreensão dos processos educativos, o filme *Capitão Fantástico* revela como até propostas de ensino alternativas podem falhar ao ignorar o convívio com o mundo real. A cena em que o filho mais velho pede uma moça em casamento após poucos minutos de conversa evidencia uma formação incompleta, limitada pela ausência de experiências sociais. O final do filme reforça que a educação só se realiza plenamente na relação com o outro, com a diversidade e com a vida em sociedade.

No filme “Capitão Fantástico”, 1 hora e 8 minutos temos uma cena, que nos ilustra o contraste de culturas: a chegada ao funeral da Mãe. Sem bater ao entrar, pois a cerimônia, com roupas que destoavam do preto tradicional, tinha como objetivo, contrapor as ideias sumariamente impostas de como deve ser o "ritual da morte", e de como devemos nos portar com algo trágico, algo que nos incomoda.



Fonte: Cena do filme *Capitão Fantástico*, 1h08m. <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/capitao-fantastico-pode-fazer-voce-repensar-seu-estilo-de-vida-g1-ja-viu.ghtml>

Nessa cena é perceptível o impacto que as pessoas levam com a chegada da família que manifesta em várias facetas os estereótipos do que é fora do padrão, desde: a educação, alimentação, comportamento e estética. Provocando um incômodo generalizado. Na continuação da cena, o discurso do marido em que revela os desejos da pessoa que não possui mais vida, e portanto não possui mais escolha. Esse conjunto de elementos nos provoca a questionar o real papel do padrão em que adotamos, até que ponto aceitamos o diferente, de modo em que o excêntrico nos causa certa repulsa.

No momento que o docente se possibilita analisar e interpretar o comportamento do estudante, percebendo a necessidade de mudar sua abordagem e encaminhando parecer para os pais e escola. O percurso educacional do aprendiz conseguirá ter consideráveis mudanças, pois a partir disso, este poderá ter o acompanhamento psicológico, e a intermediação entre escola e família, para então, ter o entendimento da condição que influencia tais comportamentos, e assim direcionando o discente para um melhor aprendizado.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, buscamos refletir sobre como a cultura escolar atua, muitas vezes, de forma sutil e silenciosa, na produção da exclusão daqueles que não se ajustam ao padrão dominante de comportamento, aprendizagem e sociabilidade. Partimos da provocação: a quem a escola realmente ensina? E fomos percebendo, a partir das observações e das análises proporcionadas pelos filmes e textos trabalhados apresentados neste resumo, que o problema não está apenas no conteúdo programático, mas, na lógica que estrutura o olhar da escola sobre seus estudantes.

A discussão, impulsionada principalmente pela observação crítica do filme *Capitão Fantástico*, permitiu evidenciar como modelos pedagógicos, mesmo quando se propõem inovadores, podem cair na armadilha da rigidez e da imposição de uma única verdade. Na escola, isso parece na normalização de práticas violentas, mesmo quando essas práticas vêm disfarçadas de cuidado, rotina ou de tradição. A partir das reflexões apresentadas, consideramos que é necessário um olhar mais humano, sensível e atento ao contexto social e emocional dos alunos. Afinal, a escola só será realmente um espaço de formação social, quando for capaz de reconhecer e valorizar a pluralidade de formas de ser, aprender e existir.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 1986.

MEIRELLES, William Reis. **O cinema na história: o uso do filme como recurso didático no ensino de história**. História & Ensino, [S. l.], v. 10, p. 77–88, 2004.

PEREIRA Nilton Mullet, SEFFNER Fernando. **Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis**. Revista História Hoje, v. 7, nº 13, p. 14-33 - 2018.

ROSS, Matt (Direção). **Capitão Fantástico** (Captain Fantastic). [S.l.]: ShivHans Pictures, 2016. Filme.